



## Editorial

Com esta *Rebeca* 26, chegamos ao final de 2024 com 31 artigos originais publicados nas seções *Temáticas Livres* e *Dossiê*, além de 16 textos reunidos nas seções *Resenhas, Críticas e Traduções; Entrevistas* e *Fora de Quadro*. O número de artigos trazidos à nossa comunidade leitora representa uma parte expressiva da demanda qualificada de publicações que refletem a vitalidade das pesquisas sobre cinema e audiovisual no Brasil, além de contribuições sistemáticas de pessoas pesquisadoras de nossa América Latina e de países de língua oficial portuguesa.

Esta edição apresenta o Dossiê Temático *Iracema, 50 anos depois*, organizado por Denise Tavares (Universidade Federal Fluminense), Alex Damasceno (Universidade Federal do Pará) e Jamer Guterres de Mello (Universidade Anhembi Morumbi). O dossiê reúne sete artigos originais, que revisitam e lançam novos olhares sobre o filme *Iracema - uma transa amazônica*, de Jorge Bodanzky e Orlando Senna, além de traçarem conexões com diferentes obras do cinema nacional. O tema do Dossiê também transborda para outras seções da revista, como a de *Entrevistas*. A edição apresenta entrevistas inéditas, uma com cada diretor do filme, realizadas neste ano. Já na seção *Fora de Quadro*, há um texto de autoria de Orlando Senna, originalmente publicado na *Revista Piauí* no ano de 2021, em que ele rememora os bastidores da produção de *Iracema*. Com esse conjunto de textos, nos somamos às justas homenagens feitas aos 50 anos de uma das obras mais importantes do cinema brasileiro.

Em especial, nesta corrente edição, a seção *Temáticas Livres* conta com 10 textos. Destaca-se também a diversidade de textos publicados nas demais seções, que, com entrevistas, resenhas de livros, críticas de filmes e textos na *Fora de Quadro*, evidenciam a vocação da *Rebeca* como uma revista plural, aberta às diversas expressividades que marcam nosso campo, seja na pesquisa, no ensino, na ação social ou na inventividade de formas artísticas visuais, sonoras e textuais.

Se o alardeado fim do *Qualis* nos deixa – como a todas as demais revistas brasileiras – sem parâmetros claros sobre atitudes necessárias para obter índices e qualificações, a nossa experiência dos últimos anos nos mostra como seguirmos adiante para fazer um bom trabalho.



E isso faz da *Rebeca* uma revista vibrante, que evoca a trajetória de pessoas pioneiras que sonharam, planejaram e colocaram em ação a revista da nossa *Socine*. Muitas se somaram a essa trajetória, de um passado que não cessa de se fazer presente e, particularmente neste ano de 2024, gostaríamos de agradecer a todas as pessoas que colaboraram com a *Rebeca* por meio do envio de textos, sem quem não teríamos uma revista.

Agradecemos também às pessoas organizadoras dos dois dossiês temáticos deste ano, que propuseram abordagens que articulam presente e passado para apresentar novas perspectivas e leituras acerca do cinema e do audiovisual. Nossa gratidão se estende às pessoas gentis e solidárias do nosso Conselho Editorial, que, junto às 134 avaliadoras e avaliadores *ad hoc*, contribuíram para a qualificação dos textos publicados ao longo do ano, bem como a nossa equipe de revisão, incansável em sua atenção aos detalhes que fazem toda a diferença na coerência, precisão e clareza dos textos.

Por fim, mas não menos importante, agradecemos à diretoria da *Socine* e aos seus conselhos pela atenção e generosidade que fazem a *Rebeca* reencontrar e renovar seu público a cada novo ano, nas várias seções que compõem a revista.

Na seção *Temáticas Livres*, temos quatro textos relacionados a som e música no cinema. Em *O falso amplificado: recursos sonoros em F for Fake, de Orson Welles*, Ines Bushatsky analisa o famoso filme de Orson Welles a partir do som, como, por exemplo, a superposição de falas e outros elementos sonoros. Utiliza, além de teóricos de Som no cinema, conceitos da área de Artes Cênicas, como “efeitos de presença” de Josette Féral, baseado na escuta do espectador. O filme leva a um “efeito de falso”, principalmente no tocante à voz *over* de Welles, numa dissociação entre visão e escuta, ampliando o próprio tema do filme, um falso documentário sobre um falsário.

A disjunção entre o audível e o visível também é central no artigo *Ouvindo temporalidades queer: a disjunção audiovisual em Blue (1993) e The Terence Davies trilogy (1983)*, de Breno Alvarenga. O autor toma uma observação do teórico de som James Buhler a respeito da aproximação relativa à crítica da “sincronização compulsória” entre som e imagem no audiovisual ao termo *queer*, que traz em si uma quebra da normatização. Alvarenga junta essa concepção ao conceito de temporalidade queer, sendo este uma maneira de lidar com o tempo não ancorada na ideia de



progresso pessoal. Com esses referenciais, analisa filmes autobiográficos realizados por cineastas homossexuais: a trilogia de Terence Davies e *Blue*, de Derek Jarman. O autor observa a disjunção audiovisual presente em sequências desses filmes, em que passados, presentes e futuros se imiscuem.

Um certo estranhamento entre voz e imagem também é abordado no artigo *Resistência e reversibilidade em Straub-Huillet*, de Demétrio Rocha Pereira. O autor observa que há um trabalho, nos filmes da dupla de cineastas franceses, de acentuação musical. Embora não deixando de se conectar ao visual, a voz e a música têm, neles, uma qualidade de resistência interior ao acoplamento audiovisual comum, mas a resistência do título também está em usar a voz do outro, ou melhor, textos alheios, como o do século IV em *Antígona*, entre tantos outros exemplos, num “ensaísmo do outro”, em oposição ao discurso do “eu” tão comum em ensaios.

Fechando esses textos relacionados a som e música no cinema, em *Gigi: Vincente Minnelli entre o melodrama e o filme musical*, Luiz Fernando Coutinho questiona a fraca relação do musical *Gigi* (Vincente Minnelli, 1958) com o otimismo normalmente associado ao gênero cinematográfico na época. O autor parte de conceitos de Thomas Elsaesser e do cotejamento com melodramas de Minnelli anteriores a *Gigi* para defender que este musical do diretor é conformado pelas disposições melodramáticas e o pessimismo dos filmes anteriores.

Já o artigo *A literariedade em Jogo de Cena uma proposta de relação entre cinema e literatura*, de Vitor Soster, recupera um dos filmes do diretor Eduardo Coutinho, objeto do dossiê especial de nossa edição 24 (v.12, n.2), a partir de um aspecto menos discutido no tocante a essa obra (normalmente evocada pelas relações com o teatro e a performance), a dizer, a literariedade, conceito advindo do formalismo russo, referente à “desautomatização da linguagem pelo estranhamento” (p. 10). O autor parte dele para analisar elementos literários do filme, tais quais a importância da palavra, nomes e citações, assim como aspectos dos gêneros dramático, poético e lírico, principalmente na primeira sequência de *Jogo de cena*.

Nesta edição também temos artigos que, partindo de representações de gênero, analisam filmes inspirados na ficção científica, que oferecem uma visão complexa acerca do feminino, à medida que apresentam personagens desafiadores de



concepções do vitimismo e da subordinação, geralmente associados a esses personagens. É assim que o artigo *Corpos ameaçadores na ficção científica brasileira - as personagens femininas no filme O jardim das espumas* (1970), de Carolina de Oliveira Silva, propõe uma análise de personagens femininas do filme do Cinema Marginal *O jardim das espumas*, de Luiz Rosemberg Filho. A partir de uma discussão sobre os recursos estilísticos próprios do gênero de ficção científica, a autora apresenta o feminino como “corpos ameaçadores” capazes de questionar representações de controle a que as mulheres estavam sujeitas, durante o período da ditadura militar no Brasil.

No artigo seguinte, a ameaça transcende os corpos e reaparece numa outra chave interpretativa: não mais de corpos que ameaçam normas, mas normas que ameaçam corpos. Em *Contingências e atravessamentos de masculino e feminino climático no roteiro e no filme Interestelar*, Simão Farias Almeida problematiza a masculinidade tóxica, enquanto um padrão cultural que se materializa no cinema e que pode ser observado a partir de *Interestelar* (Christopher Nolan, 2014). No filme, uma missão de astronautas procura uma galáxia para abrigar a população mundial. Em alternativa à opressão masculinizante que se materializa na narrativa dentro de uma lógica de degradação socioambiental e hierarquia de ecossistemas, o recorte de gênero ressurgue nesse artigo a partir das noções de “masculino e feminino climáticos”, enquanto perspectivas que buscam minimizar a ameaça, cada vez mais real, dos impactos climáticos.

As autoras Luiza Wollinger Delfino e Esther Império Hamburger, em seu texto *Fruto do paraíso: o sensorial e o profano de Věra Chytilová*, analisam como o filme da diretora tcheca conversa com as questões políticas e sociais de seu tempo, como a ocupação das tropas do Pacto de Varsóvia, porém usando de experimentações formais que atravessam câmera, montagem, dramaturgia, atuação e figurino. O filme, embora mal recebido pela crítica, público e financiadores, possui uma atualidade estética, ao recusar-se ao narrativo representativo, e buscar o diálogo sinestésico com outras artes, como teatro, artes visuais e poesia. E com isso, consegue compreender melhor seu tempo e o futuro dos tempos.

Em seu artigo *O processo de montagem dos filmes-diário de Jonas Mekas*, Tiago Ramos resgata a prática diarística de Mekas, e compara-a à sua forma de edição dos filmes-

diários: algo pessoal e privado. Desse modo, Ramos aponta como Mekas problematiza o próprio fazer cinematográfico. Embora a captação de suas imagens se desse no espaço público, a organização de seus filmes demandava um cotejamento com suas notas dos diários, e assim a montagem revelava um aspecto subjetivo da experiência de vida do diretor lituano, radicado nos Estados Unidos desde fins da Segunda Grande Guerra.

Por fim, o último artigo de Temáticas livres desta edição é *Missivas: fronteira, identidade e memória na construção do documentário sobre Jane Vanini*, de autoria de Sandro Luís Costa da Silva e Caroline de Oliveira Santos. Os autores analisam o documentário *Missivas*, dirigido por Caroline Araújo e Maurício Pinto, que recupera as memórias e os deslocamentos de Jane Vanini, importante personagem do Mato Grosso que atuou na resistência à ditadura militar. A partir do caso do filme, o artigo debate como os documentários mato-grossenses contemporâneos abordam as histórias e os personagens do estado, em uma construção plural e diversa do território do Mato Grosso.

Além das entrevistas relacionadas ao Dossiê, publicamos mais duas. A primeira é com o importante documentarista brasileiro Silvio Tandler, realizada em 2019, quando estava no processo de montagem de seu filme autobiográfico *Nas asas da Pan Am*. Assim, em *Cinema e história: uma proposta educativa Entrevista com Silvio Tandler*, os autores Kênia Faria Brant, Rafael Nogueira Costa e Robson Loureiro conversam com Tandler sobre a sua filmografia, marcada pelas relações com a memória coletiva e a História – dentro das quais se insere *Nas asas da Pan Am*, ainda que visando também a memória individual de Tandler –, além do papel desses filmes na área de Educação.

A segunda entrevista é com o cineasta e pesquisador gaúcho Bruno Carboni. Ela é conduzida por Bruno Leites, Isabelle do Pilar Mendes e Felipe Diniz, que dialogam com o diretor especialmente sobre o curta-metragem *O teto sobre nós*, de 2015, que aborda o movimento de ocupação de um prédio abandonado em Porto Alegre. Na entrevista, intitulada *Cinema, moradia e ficcionalização: conversa com Bruno Carboni em torno de O teto sobre nós (2015)*, são discutidos os aspectos teóricos que fundamentam o pensamento do diretor (conceitos como alteridade e fotogenia), as influências artísticas que atravessam o filme, bem como o importante papel que ele desempenha em registrar e dar visibilidade ao movimento de luta por moradia na cidade.



Além dos artigos, esta edição traz a resenha de dois livros que convergem pelo interesse comum em revisitar determinados aspectos da história do cinema como estratégia mobilizadora em direção a avanços teóricos e metodológicos.

A resenha *Documentário: filmes, janelas e pêndulos*, de Álvaro André Zeini Cruz aborda o livro de Eduardo Tulio Baggio: *Documentário: filmes para salas de cinema com janelas* (A Quadro, 2022). Cruz comenta que a obra opera uma revisão crítica de diferentes noções do cinema documentário, apresentadas ao longo da História, como forma de fugir de perspectivas centralizadoras e estimular uma historicização que vai além de aspectos narrativos e estilísticos de cada obra. Assim, o livro permite compreender como as obras se relacionam com o mundo e com o público espectador. Uma perspectiva que, para o autor da resenha, implica pensar o documentário como parte de um “processo pendular”, com um olhar que transita entre as diferentes janelas suscitadas pela experiência fílmica.

Já a resenha *Um festival e a cidade: uma investigação sobre o Festival Cinematográfico do Distrito Federal*, de Igor Lemos Moreira, nos convida a conhecer parte da História do cinema brasileiro a partir de um estudo de caso sobre o Festival Cinematográfico do Distrito Federal que é apresentado no livro *A capitalidade em disputa: o Festival Cinematográfico do Distrito Federal e outros festivais no Brasil dos anos 1950* (Letra e Voz, 2022) de Carlos Eduardo Pinto de Pinto e Juliana Muylaert Mager. Em uma época que o Rio de Janeiro figurava como capital do Brasil, a obra propõe um debate sobre as perspectivas políticas que atravessaram a realização do festival, incluindo sua relação com as Chanchadas – gênero audiovisual predominante no período. Com isso, o livro ratifica a tendência nos estudos de cinema de pensar os festivais como espaços privilegiados para compreender as dinâmicas de circulação de obras audiovisuais e acessar elementos, por vezes, esquecidos no curso da História.

A edição 26 da Rebeca também traz a resenha do filme *À porta da eternidade* (2018). No texto de título *At Eternity's gate: uma análise sobre a cinebiografia de Vincent Van Gogh dirigida por Julian Schnabel*, a autora Alane Melo da Silva se centra no elemento biográfico envolvido na construção dos últimos anos de Van Gogh, cuja fonte principal foi a biografia *Van Gogh: a vida*, de Gregory Smith e Steven Naifeh, de 2011. A autora aponta, porém, que o filme prioriza o pensamento artístico de Van Gogh, e não apenas





clichês comuns ao gênero biográfico, inclusive sendo o pintor interpretado pelo ator William Dafoe, muito mais velho que Van Gogh quando morreu.

Na seção *Fora de Quadro*, além do material produzido para o dossiê, trazemos o ensaio *Imagens ausentes e lembrança nos diários de David Perlov*, em que a autora Raísa Christina Lima Saraiva, instigada por cenas da primeira parte de *Diário 1973-1983*, do cineasta nascido no Brasil e radicado em Israel, produz desenhos com a atenção de quem deseja “esboçar uma tradução na língua do traço” (p. 4). A autora observa que, no filme de Perlov, há imagens preñes de encadeamentos de memórias e aquelas evocadas apenas pela voz *over* do cineasta.

Boa leitura!

Miriam de Souza Rossini – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Luiza Alvim – Universidade de São Paulo

Morgana Gama – Universidade Federal da Bahia

Alex Damasceno – Universidade Federal do Pará

Márcio Zanetti Negrini – Universidade de Sorocaba